



Declaração à imprensa feita pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após encontro com o líder cubano Fidel Castro

Havana - Cuba, 15 de janeiro de 2008

Presidente: Primeiro, eu queria dizer à imprensa brasileira e à imprensa cubana, e a toda imprensa aqui presente, da minha alegria de estar fazendo esta visita a Cuba. Primeiro, porque fizemos acordos extremamente importantes, que eu penso que vão permitir a melhoria das possibilidades de investimentos entre Brasil e Cuba, a melhoria das relações entre o Estado cubano e o Estado brasileiro, no campo científico e tecnológico, na infraestrutura, e isso faz parte de uma estratégia da política brasileira de se voltar para a América do Sul, para a América Latina e para o Caribe.

Segundo, a alegria de me encontrar com meu companheiro, presidente interino de Cuba, Raúl Castro, que tive a oportunidade de conhecer em 1985. Terceiro, a alegria de ter me encontrado com o companheiro Fidel Castro. Faz muito tempo que tenho acompanhado, pela imprensa, notícias da enfermidade de Fidel Castro. Estive com Fidel por duas horas e meia. Imaginem que conversamos sobre todos os assuntos possíveis, com um homem que está com uma lucidez incrível, está com uma saúde impecável, a ponto de eu dizer para os jornalistas cubanos que, se um dia eu ficar doente, eu quero ter a mesma capacidade de falar que teve o Fidel comigo. Nessas duas horas e meia que conversamos, não pensem que dividimos o tempo de falar: Fidel falou duas horas e eu falei meia hora.

A impressão que eu tenho é que o Fidel está muito bem de saúde, está com uma lucidez como nos melhores momentos, e eu penso que logo, logo, ao se recuperar fisicamente... o político também é como um atleta: se passa algum tempo sem fazer exercício, é preciso fazer um esforço maior para recuperar a sua condição física. Eu penso que Fidel está pronto para assumir o



papel político que ele tem em Cuba e assumir o papel político que ele tem na história do mundo globalizado e da Humanidade.

Como presidente do Brasil, todos vocês sabem da paixão que a minha geração tem pela Revolução Cubana. Todos vocês sabem da paixão que o Brasil tem pela integração da América Latina, pela integração da América do Sul. Todos vocês têm consciência de que o Brasil tem responsabilidades, por ser a maior economia, por ser a maior população, por ser o país de maior conhecimento tecnológico e científico da América do Sul e da América Latina, da responsabilidade que nós temos de construir parcerias, de contribuir para o desenvolvimento do nosso continente.

Eu quero agradecer ao presidente Raúl Castro pelo carinho, aos ministros cubanos e ao povo cubano e, sobretudo, ao presidente Fidel Castro pelo carinho com que fomos recebidos em Cuba. Fiz um convite público ao presidente Raúl Castro para visitar o Brasil. Lamentavelmente, ele não vai poder ir no carnaval, porque seria extremamente importante conhecer o carnaval brasileiro. Mas, como o Brasil, além de ter um povo trabalhador, tem um povo que gosta de carnaval o ano inteiro, no dia em que ele decidir ir ao Brasil, nós prometemos a ele fazer um carnaval para recebê-lo (inaudível).

Quero, presidente Raúl Castro, agradecê-lo, de coração, pelo tratamento carinhoso, pela recepção, e dizer a Vossa Excelência que nós, brasileiros, amamos os cubanos de verdade, e temos consciência de que os cubanos amam o Brasil de verdade. Por isso, muito obrigado a todos (inaudível) e obrigado à imprensa.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de posse do ministro de Minas e Energia, Edison Lobão**

Palácio do Planalto, 21 de janeiro de 2008

Excelentíssimo senador Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal,

Meu caro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia,

Meu caro companheiro Nelson Hubner, que tão brilhantemente exerceu
(funções), num primeiro momento, no gabinete da Dilma, como ministra, e no
do Silas, e que agora deseja ter umas férias para descansar,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil,

Tarso Genro, ministro da Justiça,

Guido Mantega, ministro da Fazenda,

Fernando Haddad, ministro da Educação,

Luiz Marinho, ministro da Previdência,

José Gomes Temporão, ministro da Saúde,

Fernando Lopes de Oliveira, ministro interino das Comunicações,

Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Geddel Vieira Lima, ministro da Integração Nacional,

Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria Geral,

José Múcio, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais,

Governador Jackson Lago, do Maranhão,

Governador Alcides Rodrigues, de Goiás,

Governador Teotônio Vilela, de Alagoas,

Marcelo Miranda, governador de Tocantins,

José de Anchieta Júnior, governador de Roraima,

Companheiros senadores, deputados,

Convidados e amigos da imprensa,



O senador Lobão toma posse num dia, eu diria, especial do setor energético brasileiro. Hoje eu tive a felicidade de ter uma demonstração do que a ministra Dilma vai apresentar amanhã, à imprensa, do PAC. E penso que em algum momento, ministro José Múcio, seria extremamente importante que nós conseguíssemos juntar deputados e senadores para que pudéssemos dar uma dimensão do que está acontecendo no Brasil.

De um lado, o ministro Lobão toma posse num momento em que notícias são publicadas, de que nós corremos um risco de apagão elétrico. Muitas vezes, as perguntas são feitas e a resposta leva qualquer cidadão a entender que pode ter apagão: se o mundo acabar, vai ter apagão; se não chover nunca mais, pode ter um apagão. Essas perguntas... quem foi candidato a presidente três vezes, sabe o que é uma pergunta: “Se você não ganhar, você vai apoiar fulano de tal?”. Se você se meter a responder essa pergunta, a manchete sempre deporá contra a sua campanha.

Mas o ministro Lobão vai ter oportunidade, a partir de amanhã – já deve ter visto isso com o Nelson e com a Dilma – de fazer uma comparação entre alguns pessimistas que vendem diariamente a idéia de que vai faltar energia, como se nós pudéssemos repetir 2001. Tem duas hipóteses: ou não querem que as coisas aconteçam neste País, ou parece que querem contribuir para o aumento do preço da energia.

O trabalho do governo não é o de ficar brigando com as especulações. O trabalho do governo é cumprir com aquilo que nos propusemos a cumprir, executar as obras que já estão determinadas, contratadas, empenhadas, algumas em construção, outras em fase de licitação, e dotar o Brasil de um bem extraordinário, sem o qual nós não convenceríamos qualquer brasileiro ou estrangeiro a fazer investimento no Brasil.

Posso lhe dizer, ministro Lobão, que com a sua experiência política você terá uma surpresa extraordinária na hora em que tiver acesso a todas as obras de energia que estão acontecendo no nosso País, seja pequenas hidrelétricas,



seja grandes hidrelétricas, seja termelétricas, seja linha de transmissão, que também é extremamente importante e foi uma das razões pelas quais o apagão de 2001 foi mais forte, porque nós não tínhamos como transmitir energia de lagos que tinham excesso de água, como o do Sul para o Sudeste, e isso, agora, está praticamente interligado.

Mas muito mais do que isso. As novas formas de produzir energia, como a biomassa, como a eólica, de que já temos experiência bem-sucedidas e, logo, logo, teremos leilões para que a gente possa continuar oferecendo ao povo brasileiro a certeza de energia.

Outro dia vocês viram na imprensa, e o senador Lobão deve ter acompanhado, um problema que houve com o gás, lá no Rio de Janeiro, principalmente. Nós temos uma decisão do governo, uma decisão da Petrobras e uma decisão de todo o setor: nós queremos fornecer gás para carro, para ônibus, para termoelétrica, queremos oferecer gás para a indústria. Agora, todo mundo tem que ter claro: a prioridade número um do gás é garantir energia neste País. Portanto, na hora que tiver falta de água e precisar utilizar o gás, todo mundo precisa saber que, se for necessário, até o gás que a Petrobras utiliza para tentar achar petróleo, nós vamos transformá-lo em energia, porque o que nós queremos é que este País tenha energia de sobra, de preferência farta, e de preferência a um preço extraordinário.

Todos vocês acompanharam o último leilão do rio Madeira. Havia neste País gente que dizia que não era possível vender o megawatt-hora abaixo de 116 reais. Todo mundo dizia: “Assim não vai ter concorrência, ninguém vai aparecer, isso vai ser um fracasso”. Não só aparecerem cinco empresas, como quem ganhou baixou de 116 para 78,9 reais o megawatt-hora. Voltamos aos preços de 1990. Nós agora temos a hidrelétrica de Santo Antônio para fazermos o leilão no mês de maio. Daqui a pouco, se Deus quiser, estaremos fazendo o leilão de Belo Monte, que era uma outra coisa que parecia proibido se falar nesse assunto, no Brasil. Durante 20 anos se proibiu fazer o estudo de



Belo Monte, não era fazer a hidrelétrica, não, era fazer o estudo. Nós agora estamos fazendo o estudo e, se Deus quiser, nós começaremos, tão logo cumpramos com todas as regras legais, iremos a construir a hidrelétrica.

Além do gás, por isso criamos o Plangás, que obriga a nossa boa Petrobras a fazer todos os gasodutos que forem necessários. E eu fiquei feliz, José Sérgio, porque depois de três anos de espera, finalmente o Gasene saiu, assinamos o contrato e agora, quem sabe, você vai me convidar para dar o primeiro ponto de solda.

E você, ministro Lobão, toma posse neste momento, eu diria, auspicioso do setor no Brasil. E obviamente que poderia estar sendo muito melhor se anos atrás tivéssemos feito a lição de casa. Portanto, eu estou convencido de que você exercerá a sua pasta com a grandeza da sua carreira política e vai desmontar uma série de preconceitos que se cria neste País. Eu não podia ser presidente porque era metalúrgico, estou aqui. Você não pode ser ministro porque você não é técnico, como se todo técnico de futebol fosse o melhor jogador do time. Olha, o que eu tenho clareza é que com a sua clareza política você saberá detectar dentro do setor energético brasileiro a chamada inteligência viva do setor neste País e montar um Ministério que possa ser motivo de orgulho para o nosso País. Portanto, eu queria te dizer, meu caro, boa sorte.

Ao querido companheiro Nelson. O Nelson, para quem não sabe, é um companheiro de primeira hora. Há 30 anos como engenheiro elétrico, trabalhou no Ministério com a Dilma, trabalhou com o Silas e trabalhou agora, foi o ministro interino mais longo que eu tive no meu governo. Exatamente porque quando nós resolvemos construir essa relação com o PMDB e quando nós falamos na história da coligação, de uma aliança estratégica, pressupõe que você discuta o governo também com os seus parceiros estratégicos. O ideal do mundo, senador Teotônio Vilela, seria que nós pudéssemos ganhar as eleições, sozinhos elegermos 400 deputados, 70 senadores, e não precisarmos



de ninguém. Isso é ilusão. O presidente Sarney conseguiu fazer 300 e poucos constituintes, 23 governadores de estados e teve dificuldades para governar o País porque, dentro do próprio partido, as cabeças pensantes e divergentes pensam diferente do presidente da República. E o Sarney ainda tinha do lado dele, ora ajudando, ora fazendo um pouquinho de oposição, um homem da magnitude do dr. Ulysses Guimarães, que era o presidente da Câmara e presidente da Constituinte.

A sabedoria da política está no fato de você saber construir as alianças com os contrários, de construir as parcerias dentro da adversidade. Ninguém precisa torcer para o mesmo time ou ter como profissão de fé a mesma religião. O que nós precisamos é ter uma única coisa: compromisso com este País. E ter a convicção de que este País vive um dos melhores momentos de toda sua história, e nós só o jogaremos fora se formos incapazes. Ministro Guido, eu tenho lido muitos comentaristas econômicos. Sabe o que me deixa triste? É que, às vezes, eu leio artigos, Paulo Vannuchi, de pessoas que parece que estão torcendo para que a crise americana crie algum problema para o Brasil, ou seja, um determinado tipo de gente que não se conforma que as coisas estejam dando certo neste País, que não se conforma que as coisas andem bem, que não se conforma que o povo esteja vivendo um momento de otimismo como há muito tempo não vivia.

O ministro Fernando Haddad estava me contando que foi ontem a um congresso de professores, e um grupo representante minoritário o vaiou. Sabe por que, deputado Paulo Maluf, vaiaram o Fernando Haddad? Porque ele ousou dizer ao Brasil que é possível aumentar a média de 12 alunos por professor, na universidade, para 18, colocando mais 200 e poucos mil jovens pobres na universidade. E isso incomoda algumas pessoas, que acham que 12 alunos por professor é demais. No Brasil, todas as vezes que a gente começa a fazer com que os excluídos passem a participar do bolo que eles ajudam a construir, tem gente que se incomoda.



Pode ficar certo, ministro Lobão, que você vai ouvir muitas e boas por aí, todos os dias vai ter um apagão, todos os dias vai ter um problema. Agora, quando você conhecer o seu pessoal, montar a sua equipe, vai perceber que nós estamos preparados, não apenas para crescer 5%, mas para crescer até um pouco mais, sem precisar faltar energia neste País.

Voltando ao meu companheiro Nelson – porque eu queria falar um pouquinho de economia –, Nelson, eu só tenho, meu querido, que te agradecer. Agradecer pela contribuição, agradecer pela lealdade e dizer que você merece as suas férias, merece ajudar a definir o destino da família, mas esteja certo de que nós estaremos sempre de braços abertos para ter uma conversa e, quem sabe, você volte a participar do nosso governo, em qualquer lugar deste País.

Por isso, Lobão, eu quero primeiro agradecer ao PMDB, que através da sua direção e da sua bancada de senadores o escolheu para (ser ministro). Houve insinuações de que eu estaria chateado. Lobão, só pode pensar isso de mim quem não me conhece. Em primeiro lugar, eu aprendi – e é por isso que eu sobrevivi e cheguei aqui – a manter relação política, do maior respeito, seja com aliados ou com adversários. Na medida em que um companheiro é indicado por um partido político que tem tido a relação democrática que tem conosco, como o PMDB, ou como os outros partidos aliados, eu me reservo o direito de receber as pessoas de braços abertos. A coisa que eu acho mais extraordinária é que somente o tempo se encarrega de provar que alguns críticos estavam errados. Certamente a sua vida foi levantada, certamente compraram muitas lupas para pesquisar a sua vida, e depois de tantos anos na política, alguns adversários vão ter que dormir hoje, dizendo: “Não adiantou. O Lobão virou ministro de Minas e Energia”.

Meus parabéns e boa sorte.

(\$211A)



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da reunião ministerial

Palácio do Planalto, 23 de janeiro de 2008

Bem, companheiros, em primeiro lugar, um bom dia coletivo, já que eu dei bom dia individual. O Paulo Bernardo certamente vai se sentar, em algum momento. Aos companheiros que eu não tinha visto ainda, neste começo de ano, eu quero desejar um feliz Ano Novo. Estou gratificado pela presença do nosso companheiro José Alencar, com quem conversei ontem para ele não vir à reunião. Não precisava vir, porque ele está fazendo um tratamento muito especial. Mas como vocês estão vendo, ele está mais revigorado do que quando foi internado. Meus parabéns pela presença, companheiro José Alencar.

Companheiro, o mais novo ministro, senador Edison Lobão, ministro de Minas e Energia, representando no governo o PMDB. Os nossos líderes Jucá e Henrique Fontana. Quero dizer para vocês que esta é uma reunião em que eu estou querendo discutir um pouco mais de política do que coisas administrativas.

Habitualmente, nós fazemos reuniões aqui e falamos um pouco de infraestrutura, falamos um pouco de economia, falamos um pouco de política social e, como as exposições são sempre longas, porque tem muita coisa a ser exposta para os companheiros, depois sobra pouco tempo para o debate. Nesta reunião de hoje, eu estou pensando em fazer uma discussão política. Os expositores deverão ser breves, o suficiente para serem entendidos, e depois nós queremos ouvir os companheiros. Afinal de contas, com cinco anos de experiência, eu fico imaginando que muitas vezes nós ficamos cinco anos juntos, sentamos a esta mesa aqui, parece a Santa Ceia, todo mundo amigo, mas depois passamos um ano sem conversar entre nós. Possivelmente, a



Dilma e eu recebamos os ministros porque eles vêm à Casa Civil, e quando tem problemas vêm à Presidência da República, e as audiências que eu faço individualmente com os ministros.

Mas penso que entre vocês existe pouca conversa política. Eu diria, há quase meses e meses que vocês não conversam entre si, que não trocam idéia. Certamente as pessoas conhecem menos do que deveriam conhecer das coisas que o governo faz, porque o sistema de informação e comunicação entre nós talvez não seja o mais perfeito, ainda. Mas a política é o centro da atividade de um governo, tudo que nós fazemos começa pela política e termina tendo um resultado político. Então, eu quero fazer desta reunião uma reunião em que a gente ouça mais do que fale.

Hoje não vai ter apresentação do PAC, cada um de vocês recebeu a apresentação do PAC feita ontem pela Dilma, pelo Paulo Bernardo, pelos ministros que participam dos projetos e pelo Guido Mantega. Certamente está tudo aqui, tem até um CD do PAC que passou 10 minutos ontem. Então, não vamos falar do PAC, também não vamos falar de economia. Eu tinha pedido ao ministro Guido Mantega que fizesse apenas uma pequena exposição sobre a crise imobiliária americana, que tem permeado situações difíceis em vários países do mundo. O Guido teve um problema no dente, foi ao dentista e eu vou pedir para o Meireles fazer essa exposição sobre a crise externa, sobre a crise americana. Depois o companheiro José Múcio vai fazer uma exposição sobre a sua experiência e o que ele acha que deve acontecer e mudar na relação política do Poder Executivo com o Poder Legislativo. Depois eu vou falar um pouco, menos do que habitualmente falo, para que a gente possa então fazer um debate político. Um debate político em que eu quero ouvir o que as pessoas têm para dizer. Afinal de contas, aqui tem representantes de vários partidos políticos, nós somos de um partido político, estamos no governo e nós precisamos saber combinar essa nossa atuação na relação com todos os outros ministros, porque nós temos três anos de governo pela frente. Três anos



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

não é pouca coisa, três anos, significa que nós temos todo o governo ainda por fazer. Então, eu queria pedir, Meireles, que você pudesse nos dar uma exposição sobre a crise do *subprime*.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura das comemorações dos 85 anos da Previdência
Social e Dia do Aposentado**

Palácio do Planalto, 24 de janeiro de 2008

Companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,
Companheiro Gilberto Gil, ministro da Cultura,
Companheiro Luiz Eduardo Barretto, ministro interino do Turismo,
Companheiro Marco Antônio de Oliveira, presidente do Instituto do
Seguro Social,

Companheiro João Batista Inocentini, presidente do Sindicato Nacional
dos Aposentados, Pensionistas e Idosos da Força Sindical,

Companheiro Epitácio Luiz Epaminondas, presidente do Sindicato
Nacional dos Aposentados e Pensionistas do Brasil,

Companheiro Edmundo Benedetti Filho, presidente da Central Nacional
dos Aposentados e Pensionistas do Brasil,

Companheiros, vejam que eu chamei todo mundo de companheiro
porque todos foram companheiros antes de eu ser presidente. Então, a gente
tem que valorizar essas amizades antigas, porque ficar 30 anos como
companheiro não é qualquer um que fica, principalmente quando chega a
Presidente da República, porque na primeira mancada que dá já perde todos
os companheiros.

Eu penso que o discurso, companheiros e companheiras, é o discurso
que o companheiro Marinho disse. Hoje, eu me levantei para fazer a minha
caminhada, às 6h da manhã, depois fui tomar café, fui ao computador e vi que
o IBGE tinha divulgado um dado importante: “o desemprego em dezembro foi
de 7,2%”. Quem acompanha a divulgação dos índices de desemprego pelo
IBGE, sabe que um número desses tem um significado extraordinário para o



Brasil. Certamente, não tem país do mundo com desemprego zero, mas nós não poderíamos continuar com o desemprego em dois dígitos, com o desemprego acima de 10%, 11%, 12%, 13% e 14%. Aí, eu me lembro, Marinho, das brigas que se fazia com relação à reforma da Previdência Social. Toda vez que se discutia a reforma da Previdência Social, apareciam especialistas, outros não tão especialistas, apareciam políticos, dizendo que era preciso acabar com o déficit da Previdência Social, e as pessoas justificavam que o déficit da Previdência Social era em função da corrupção.

Nós decidimos fazer, ainda na gestão do ministro Nelson Machado, que o Marinho continuou, o maior censo da história de 85 anos da Previdência Social. Todos, sem distinção, aposentados e pensionistas, todos que recebem qualquer benefício da Previdência tiveram que se recadastrar. Havia quem dissesse que tinha milhões e milhões de aposentadorias equivocadas, erradas, de pessoas que não tinham direito. Mentira. Mesmo no primeiro censo que nós fizemos – no primeiro lote foram 2,5 milhões de pessoas – alguns que não apareceram para se cadastrar, no dia em que cortou o pagamento, depois de quatro convocações, as pessoas apareceram e se cadastraram.

Nós fizemos isso para não permitir que se desse o tratamento que se deu ao censo que o companheiro Ricardo Berzoini tentou fazer um tempo atrás, em que pegaram um senhor de 85 anos e colocaram como vítima da humanidade, porque estava sendo pedido o recadastramento. Então, nós mudamos, demos seis chances, mandávamos carta em casa, depois fizemos convênios com outro Ministério, com a Caixa Econômica, gente na porta do banco para atender, para fazer o recadastramento, e eu acho que nós fizemos o mais perfeito recadastramento já feito na história de 85 anos da Previdência Social.

E o que foi provado ali? É que a grande maioria absoluta das pessoas que recebem benefícios, recebe o benefício correto. Quanto você falou, Marinho? Oitenta e cinco mil, em um volume de 25 milhões de pessoas.



Significa que nós precisamos voltar a adotar a tese, que é a correta, de que todo mundo é inocente até prova em contrário, e não como se age no Brasil, em que todo mundo é culpado até prova em contrário.

Agora, qual era o problema que se discutia tanto? Quando eu ganhei as eleições, as pessoas diziam para mim: “Só vai ter solução se resolver o déficit da Previdência Social”. Aí você via os analistas econômicos na televisão: “Precisa resolver o problema do déficit”. Mas, por que esse déficit foi causado? E como é que se corrige esse déficit? Alguns diziam que era preciso mexer com a mulher: “A mulher vive mais do que o homem, portanto, a mulher não tem que se aposentar antes do homem”. É, tem gente que dizia isso, e dizia na televisão.

Ora, certamente o cidadão que dizia isso era quem cuidava das crianças, era quem lavava a louça, era quem arrumava a roupa da cama, era quem passava a roupa. Os cinco anos que as mulheres têm a menos para se aposentarem, é a compensação da dupla ou da tripla jornada que elas têm, sejam mulheres pobres ou mulheres de classe média. Ainda não chegamos em um momento da humanidade em que o marido, de livre e espontânea vontade, resolva ser companheiro de verdade para ajudar a parceira a fazer os afazeres de casa. Afinal de contas, é muito mais fácil estar no bar, tomando uma cervejinha, sabendo que a mulher está limpando, do que estar lá ajudando a companheira.

Outros diziam: “Bom, nós vamos ter que diminuir o tempo dos aposentados. Gente está se aposentando muito nova. Inocentini tem 57 anos”. Agora, é preciso saber com que idade essas pessoas começaram a trabalhar, é preciso saber em que condições essas pessoas começaram a trabalhar. Eu não tenho dúvida de que a geração que virá depois de nós pode ter um outro sistema previdenciário. Necessariamente, daqui a 30 ou 40 anos, as condições de trabalho não serão as mesmas que nós temos hoje.

Portanto, é possível, e por isso criamos um grupo de trabalho que



envolve empresários, trabalhadores, aposentados e o governo para discutir que tipo de modelo previdenciário a gente pode imaginar para os nossos netos, sem mexer nos direitos adquiridos que a nossa geração conquistou. Esse é um desafio, que não vai ser feito na marra, por decreto, não vai ser feito por emenda constitucional, apenas. Isso vai ser feito na medida em que a gente construir o consenso com os interessados na questão da Previdência Social.

E alguns outros diziam, como eu, o Marinho e, certamente, muitos aposentados aqui, o seguinte: “Nós vamos consertar o déficit da Previdência na medida em que a economia voltar a crescer”. Por quê? Porque se vocês analisarem, desde 1980, portanto há quase 28 anos, que a economia brasileira crescia pouco. Ao crescer pouco a economia, o que acontecia de fato? O mercado de trabalho, em vez de crescer, diminuía. A construção civil, nesses últimos 26 anos, praticamente só perdeu trabalhadores. Somente no ano passado e neste ano é que a construção civil voltou a crescer o número de empregos oficiais.

A categoria metalúrgica, que é uma categoria sofisticada para o padrão industrial brasileiro, perdeu ao longo de 26 anos, mais de 1 milhão de trabalhadores, e agora já recuperamos quase 500 mil trabalhadores. E o que nós estamos percebendo? Na medida em que a economia começa a crescer, na medida em que você começa a gerar mais empregos, na medida em que você começa a oferecer melhores benefícios, na própria Previdência, você vai começar a diminuir o déficit e a aumentar a receita da Previdência Social. Só no ano passado, foram 1 milhão e quase 650 mil novos empregos com carteira profissional assinada.

Na hora em que a gente convencer a economia informal de que é importante contribuir com a Previdência Social – porque eles também vão ficar velhos, e eles também vão precisar de um sistema de seguridade social mais amplo do que o Estatuto do Idoso – a gente vai perceber que, em poucos anos, nós vamos resolver o problema do déficit da Previdência, sem que isso tire de



nós a oportunidade de apresentar ao País um sistema previdenciário que possa resolver o problema das futuras gerações, algo mais moderno, algo mais pensado.

Eu sou de uma geração – eu tenho 62 anos – em que a gente não conhecia os nossos avós, porque eles morriam aos 60 anos, eles morriam aos 58 anos. Quanta gente aqui, da minha geração, não conheceu avó e nem avô? Agora, graças a Deus, nós hoje estamos vivendo... Eu estou aqui com um jovem dirigente sindical, de 84 anos de idade. Nasceu um ano depois que o Eloy Chaves fez... Só nasceu porque já tinha aposentadoria garantida. Hoje, o que está acontecendo? Hoje as pessoas estão vivendo mais e é bom que a gente viva mais. As pessoas com 60, 70, 80 anos estão com vigor físico, querendo fazer as coisas. Vejam o convênio assinado pelo Gil e pelo Marinho. O que é? É a disposição dos trabalhadores aposentados deste País prestarem trabalho voluntário aos museus que, durante décadas, foram abandonados neste País. E o que um aposentado precisa, além de sobreviver dignamente? Ele precisa de coisas para fazer, porque o tédio pode matar as pessoas, como qualquer outra doença mata.

Eu queria, companheiro Marinho, companheiro Gil, companheiros aposentados, primeiro dizer para vocês do meu agradecimento. Eu digo isso porque não aconteceu muitas vezes, na história do Brasil, de um presidente da República ser companheiro dos dirigentes aposentados e os aposentados serem companheiros do presidente da República. Peguem a história, que não tem muito tempo... Sendo francamente, porque eles cobram do governo como devem cobrar e nós, com a mesma honestidade, dizemos “é possível” ou “não é possível”. E nem por isso nós deixaremos de ser companheiros.

Esses companheiros são o testemunho vivo de que, certamente, nós ainda não fizemos tudo o que precisa ser feito mas, certamente, nós fizemos mais do que muitos fizeram, em muitos anos, neste País. A coisa mais sagrada que nós fizemos foi estabelecer uma relação, uma relação política, uma relação



social, uma relação de companheiros em que os aposentados deste País, as pensionistas deste País não tenham no ministro da Previdência um inimigo, não tenham no presidente da República um adversário. Mas que tanto nós tenhamos, em vocês, um companheirismo nos bons e nos maus momentos, como vocês também tenham conosco essa relação.

Por isso, a vinda de vocês aqui para entregar uma pauta de reivindicação. E o Inocentini não falou que por reivindicação de vocês, conquistaram cartão de crédito para os aposentados, alongaram o crédito consignado para 60 meses. Essa é uma conquista importante, agora é preciso tomar cuidado com cartão de crédito. Essa crise americana também tem um pouco a ver com cartão de crédito, porque se a gente não tem que botar a mão no bolso para gastar dinheiro, a gente vai gastando mais do que se tivesse que tirar uma notinha do bolso. Então, é preciso que a gente tome cuidado com isso, Marinho. A Previdência tem que fazer uma boa explicação, a imprensa tem que contribuir, e acho que os aposentados têm que dizer...

Eu penso que não poderia ser mais gratificante, no dia em que a Previdência completa 85 anos, vocês estarem aqui – amanhã se comemora o Dia dos Aposentados, lá em Aparecida do Norte –, hoje vocês estarem aqui. Então, eu quero parabenizar Marinho e Gil, quero parabenizar os companheiros do Sindicato dos Aposentados, a Cobap, e quero parabenizar os funcionários da nossa Previdência Social e os nossos convidados.

Parabéns e muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva ao Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto

Palácio do Itamaraty – Rio de Janeiro (RJ), 25 de janeiro de 2008

Meu caro companheiro e amigo Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro, e sua senhora Adriana Ancelmo Cabral,

Meu caro companheiro e amigo Jaques Wagner, governador do estado da Bahia, e sua companheira Maria de Fátima Carneiro de Mendonça,

Meu caro companheiro Paulo Vannuchi, secretário Especial dos Direitos Humanos,

Minha companheira Marisa,

Meu caro Giancarlo Summa, diretor do escritório da ONU no Brasil,

Senhor Sérgio Niskier, diretor da Fierj,

Senhor Cláudio Hottemberg, presidente da Conib,

Senhoras e senhores embaixadores acreditados junto ao meu governo,

Companheiros e companheiras parlamentares estaduais e federais,

Meu caro Léo Wainer, e Zezé Motta. Muito bonito o que vocês fizeram aqui.

Meu caro Cláudio Nascimento, coordenador de Direitos Humanos do Grupo Arco-Íris e superintendente de Direitos Individuais e Coletivos da Secretaria Estadual de Direitos Humanos,

Meus amigos, minhas amigas, senadoras aqui presentes, secretários de estados,

Eu acho que se nós tivéssemos encerrado este ato na fala do brigadeiro Ruy Moreira Lima, já estaria de bom tamanho o ato, porque é a testemunha viva do que aconteceu lá. Eu ainda não tinha nascido. Portanto, Deus o preserve por mais algumas décadas para contar essas histórias em outros dias



25 de janeiro.

Minhas amigas, meus amigos, jornalistas aqui presentes. Agradeço o honroso convite da comunidade judaica do Rio de Janeiro para participar deste ato. Meu reconhecimento à Conib por estabelecer este encontro como uma referência para a comunidade judaica brasileira. Dessa forma, agradeço as lideranças e os rabinos que se deslocaram de seus estados para prestigiar o evento. Finalmente, minha homenagem à ONU por instituir, com total apoio do Brasil, o dia 27 de janeiro, como a data para lembrar em todo mundo, a tragédia e as vítimas do Holocausto.

Senhoras e senhores,

Participo desta cerimônia pelo terceiro ano consecutivo. Faço-o por ter a dimensão do que significa rememorar o terror e as iniquidades cometidas pelo aparato do estado nazista contra o povo judeu. Aparato voltado também contra socialistas, social-democratas, comunistas, homossexuais, negros, testemunhas de Jeová, ciganos e portadores de doenças físicas. Lembranças tristes e trágicas como a do Holocausto, não devem e não podem ser apagadas, como não podem ser esquecidas todas as formas de intolerância, especialmente aquelas alçadas à condição de política de Estado.

Temos a responsabilidade e o dever de transmitir para todas as gerações que o anti-semitismo, o racismo, o preconceito e a intolerância atentam contra a dignidade humana e todos os valores mais profundos e sagrados da nossa civilização.

Precisamos nos manter vigilantes pois, infelizmente, alguns seres humanos foram capazes, são capazes, e ainda hoje ousam cometer todas as formas de violência contra esses valores. Sabemos que, frente à violência, os limites do ser humano são testados: de um lado, o da insanidade, da perversidade e da crueldade; do outro, a solidariedade, o altruísmo, a entrega e a compaixão. Penso que só seremos capazes de rejeitar, combater e aplacar todo tipo de intolerância, se formos sábios o suficiente para semear nos



corações e mentes a repulsa ao ódio, à violência e à desumanidade. Reiterar com vigor os valores democráticos, o respeito inarredável à vida, à dignidade, à diversidade e aos direitos humanos.

Minhas amigas e meus amigos,

Com a memória da dor, aprendemos que é necessário lembrar e eternizar os heróicos exemplos de resistência à barbárie. É preciso lembrar e extrair lições dos momentos em que a justiça se impôs à estupidez, pela ação destemida de pessoas de bem, resgatar os ideais dos que resistiram (inaudível) daquele tempo. É preciso recordar. Aqui e em todo o mundo, homens e mulheres têm que estar unidos para impossibilitar a conspiração do esquecimento. É importante fazer a sociedade se lembrar sempre que o esquecimento está cheio de uma memória sufocada.

Hoje é dia de reverenciar todas as pessoas de coragem, que arriscaram suas vidas. E, por estarmos no Itamaraty, homenageio, na figura do embaixador brasileiro na França ocupada, Luís Martins de Sousa Dantas, os diplomatas e servidores de representações brasileiras que ousaram desafiar o III Reich, e salvaram centenas de judeus. Mais do que reverenciar os heróis, é preciso incorporar à nossa atuação cotidiana as lições que eles nos legaram. Só assim será possível impedir que se repitam os horrores da 2ª Guerra Mundial.

Com felicidade, podemos registrar que o Brasil é, hoje, uma das poucas democracias do mundo em que não há prescrição e nem fiança para crimes de racismo. Essa conceituação revela o objetivo do Estado, em respeito aos valores do povo brasileiro, de não aceitar e, ao mesmo tempo, combater qualquer espécie de discriminação.

O meu governo se empenha em fazer avançar a garantia dos direitos humanos. Para isso, tem se comprometido com ações práticas, no plano interno e no externo. Aproveitando que em 2008 o mundo comemora os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Brasil levou às Nações



Unidas a proposta, aprovada no final do ano passado, de construir consensos em torno de metas mundiais referentes ao tema dos direitos humanos, repetindo o êxito da iniciativa em torno das Metas do Milênio. Por minha determinação, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, comandada pelo meu companheiro, ministro Paulo Vannuchi, aqui presente, realizará em 2008 um grande mutirão de debates por todo o País, visando atualizar nosso Programa Nacional dos Direitos Humanos. Um dos propósitos do governo no campo dos direitos humanos é, precisamente, atrair para esse grande mutirão nacional a reflexão de toda a sociedade, contando com o envolvimento de três importantes setores da vida brasileira: a universidade, o Poder Judiciário e a mídia. As propostas que serão pactuadas terão, e espero que tenham, grande repercussão e efetividade, contando também, é claro, com as organizações da sociedade civil, entre elas, as da comunidade judaica.

Somos um país de índole pacífica e tolerante, e o caminho na luta contra todas as violências passa por reconhecer o problema e atacá-lo pela raiz. Reconhecer que a educação, com o seu papel emancipatório, pode criar o ambiente ideal para que a paz floresça num longo prazo, mudando a história, avançando na direção de um mundo mais justo, humano e solidário.

Para concluir, quero reafirmar que exemplos como este são profundamente educativos. Eles nos chamam a atenção para os grandes erros do passado, nos apontam alternativas possíveis e nos indicam que um futuro diferente é possível, desde que sejamos capazes de sonhá-lo e construí-lo juntos. Sei que enquanto faço o meu discurso, minhas palavras vão sendo registradas pela imprensa e certamente repercutirão, de alguma forma, na sociedade. Se fosse possível, o presidente da República bateria na porta de cada lar brasileiro, de cada escola, para fazer um apelo: que todos sejamos tolerantes, que deixemos a violência de lado. É possível construir um país mais pacífico, com cada um contribuindo com pequenos gestos no dia-a-dia e acreditando na utopia da paz.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
almoço oferecido ao presidente de Timor-Leste, José Ramos Horta
Palácio Itamaraty, 30 de janeiro de 2008**

Excelentíssimo senhor José Ramos Horta, presidente da República Democrática do Timor-Leste,

Senador Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Ministro Fernando Haddad, da Educação,

Senhor Wadson Ribeiro, ministro interino do Esporte,

Senhor Zacarias da Costa, ministro das Relações Exteriores do Timor-Leste,

Senhor Valentino Varella, secretário de Estado e Pecuária do Timor-Leste,

Meus amigos e minhas amigas integrantes da delegação do Timor-Leste,

Senhores embaixadores dos países de língua portuguesa,

Deputados e senadores aqui presentes,

Companheiros e companheiras,

Com imensa alegria recebo o amigo José Ramos Horta, em sua primeira visita ao Brasil como chefe de Estado.

Timor-Leste tem um significado muito especial para nós, brasileiros. Fomos solidários com a luta de independência travada pelos nossos bravos irmãos. Acompanhamos seus enormes esforços para construir a nação timorense.

Quis o destino que um brasileiro, o saudoso Sérgio Vieira de Mello, tivesse participação decisiva no grandioso e árduo projeto de transição para a



independência e de edificação do Estado timorense. Nosso querido Sérgio, um dos mais brilhantes funcionários das Nações Unidas, deixou no país um legado inspirador e as fundações de um Estado de Direito democrático e pacífico.

Timor-Leste ingressou na família das nações imbuído dos valores fundamentais das Nações Unidas. Conta com a insubstituível cooperação prestada pela Organização. Entendemos que as Nações Unidas devem permanecer no país pelo tempo que os timorenses julgarem necessário.

É o marco jurídico multilateral que deve nortear a cooperação prestada pela comunidade internacional à jovem nação, que tem demonstrado compromisso firme com a paz e a democracia.

Sabemos que são inúmeros os desafios a enfrentar para a consolidação da paz e a plena reconciliação nacional. O caminho da democracia é, muitas vezes, árduo e tortuoso. Mas é o único que pode dar aos nossos povos a capacidade de resolver seus próprios problemas e governar seus próprios destinos.

Apesar da crise do ano anterior, o Timor-Leste se recuperou e realizou com êxito, em 2007, eleições parlamentares e presidenciais. Foi o primeiro pleito nacional conduzido pelo povo timorense, que está de parabéns.

A trajetória de Vossa Excelência na defesa da democracia, da concórdia e da paz é bem conhecida. Como porta-voz internacional da causa timorense, empreendeu incansáveis esforços para alcançar uma solução pacífica e justa para o conflito no Timor-Leste. O Prêmio Nobel da Paz que recebeu em 1996, juntamente com o bispo Ximenes Belo, chamou a atenção do mundo para o que se passava em seu país.

Senhor Presidente,

O povo e o governo no Brasil são solidários com a obra de edificação do Estado timorense.

A cooperação brasileira está concentrada em atividades essenciais à construção dos seus pilares institucionais, como educação, justiça, segurança



e formação de mão-de-obra básica.

Tenho a satisfação de anunciar que renovamos, até 2010, o programa brasileiro de cooperação na área educacional. São 50 professores brasileiros que continuarão a auxiliar os docentes timorenses a consolidar nossa herança lingüística comum.

Nossas iniciativas têm impacto direto sobre a qualidade de vida do povo timorense. A idéia é fornecer instrumentos para que homens e mulheres possam moldar seus próprios destinos.

O Centro de Formação Profissional em Bekora, financiado pelo Brasil, treina profissionais nas áreas de construção civil, vestuário, computação e outras que vão ajudar a construir o futuro do país.

Sei que a grande prioridade do governo do Timor-Leste é a consolidação da segurança. É por isso que esperamos aprofundar o programa bilateral de cooperação militar, para o treinamento das forças timorenses de segurança. Vamos cooperar para o estabelecimento de estrutura de justiça militar em Timor-Leste.

Na área cultural, o instrumento firmado nesta visita estreitará nossa cooperação. Uma missão brasileira de representantes dos Ministérios das Relações Exteriores e da Cultura em breve visitará Díli para identificar oportunidades de intercâmbio.

Noto, com satisfação, a prioridade atribuída pelo governo do Timor-Leste à luta contra a pobreza. No Brasil também dedicamos grande energia aos projetos de combate à fome e inclusão social. Uma missão da Companhia Nacional de Abastecimento deverá ir a Díli para colaborar na estruturação do programa nacional de distribuição de cestas básicas.

Além de nossas ações no plano bilateral, e daquelas coordenadas pela ONU, também estamos desenvolvendo valiosa cooperação no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Funcionários da CPLP participam de cursos oferecidos pelo Instituto Rio Branco, nossa academia



diplomática, sobre negociações comerciais na OMC e para a formação de diplomatas.

Com a criação da Escola de Futebol da CPLP, vamos treinar no Brasil, a partir de março, técnicos de futebol dos países da Comunidade.

Quero pedir ao amigo Ramos Horta que leve de volta ao Timor-Leste o compromisso brasileiro de avançar numa verdadeira parceria solidária.

Gostaríamos de poder fazer mais para ajudar nossos irmãos timorenses. Vossa Excelência comentou que os brasileiros que estão no Timor-Leste entendem as dificuldades timorenses, até porque muitas delas nós enfrentamos aqui no Brasil.

Estimado amigo Ramos Horta,

A mesma língua que nos une também nos fez herdeiros de valores comuns.

Não tenha dúvida de que, na América do Sul, o povo timorense terá sempre o apoio incondicional do Brasil para alcançar a paz, o desenvolvimento e construir em bases seguras uma sociedade próspera, soberana e democrática.

Por isso, quero convidar todos os presentes a erguer um brinde ao bem-estar do povo timorense, à amizade que une nossos dois povos e à saúde do presidente Ramos Horta.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de celebração dos 50 anos da Toyota no Brasil**

São Paulo-SP, 30 de janeiro de 2008

Excelentíssimo governador do estado de São Paulo, José Serra,
Nosso amigo – embora esteja no Vaticano, sempre é amigo dos
brasileiros – dom Cláudio Hummes, prefeito da Congregação para o Clero do
Vaticano,

Caro companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,
Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio
Exterior,

Meu caro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação
Social,

Senhora Yeda Crusius, governadora do estado do Rio Grande do Sul,
Senador Eduardo Suplicy,
Deputados federais Carlos Zarattini e Vicentinho,
Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,
Ministro Tatsuo Arai, encarregado de Negócios da Embaixada do Japão
no Brasil,

Senhor Shoichiro Toyoda, presidente honorário do Conselho da Toyota,

Senhor Shozo Hasebe, presidente da Toyota,

Meus amigos, fornecedores da Toyota,

Representantes e concessionárias da Toyota,

Colaboradores da Toyota,

Meus amigos e minhas amigas,

O ano em que a Toyota comemora 50 anos no Brasil, por uma
coincidência boa, é o ano em que nós comemoramos 100 anos da chegada do



navio Kasato-Maru aqui no Brasil. Setecentos e noventa e um japoneses, homens e mulheres, chegaram a este País de uma forma muito diferente da que os brasileiros descendentes de japoneses estão chegando ao Japão, neste momento. O Brasil, em 1908, era um Brasil eminentemente agrícola, um país de situação realmente difícil, e nenhum japonês veio para o Brasil para trabalhar em algum lugar que fosse bom para trabalhar; se espalharam pelo interior do estado de São Paulo para trabalhar como empregados, colhendo café. Tem dois filmes que relatam muito bem a história da vinda dos japoneses para cá. Também o Japão já foi um dos grandes investidores no Brasil, na década de 60. E, de repente, parece que o Japão se afastou um pouco do Brasil.

A Toyota, durante muito tempo, ficou produzindo o Bandeirante lá em São Bernardo do Campo; diga-se, de passagem, um carro para enfrentar situações extremamente difíceis. Até que, no final dos anos 90, a Toyota resolveu produzir carros no Brasil. Mas nesse período de tempo em que o Japão, um pouco, se afastou do Brasil, por conta de novos mercados, foi o momento dos brasileiros se aproximarem do Japão. Ou seja, nós fizemos o regresso de descendentes de japoneses, que começaram a fazer um colorido muito especial nas ruas de Tóquio, Nagoya e tantas outras cidades japonesas. Eu tive a oportunidade de visitar Nagoya e ter uma reunião com os brasileiros, uma coisa excepcional, porque tem alguns brasileiros no Japão que a gente não sabe se são brasileiros ou japoneses, só quando abrem a boca para falar alguma coisa.

Nesses últimos anos nós temos estabelecido com o Japão uma nova relação. Desde a visita do primeiro-ministro Koizumi ao Brasil, e da nossa visita ao Japão, nós temos tentado estabelecer com o Japão um regresso do Japão para fazer investimentos no Brasil, sobretudo levando em conta a Toyota.

A Toyota, que é tida e havida no mundo como uma das mais modernas empresas automobilísticas do mundo; a Toyota, que carrega a primazia de



estar sempre escolhendo produzir carros de qualidade a um preço razoável e menos poluentes, a Toyota pode ser uma grande parceira do Brasil e convencer outros empresários japoneses de que a introdução do biocombustível no Japão, sobretudo do etanol, pode estabelecer uma parceria extraordinária com o Brasil. O Estado de São Paulo está preparado para isso, tem tecnologia, produz muito etanol. Eu penso que o Japão, já que o Protocolo de Quioto foi assinado lá em Quioto, não pode deixar de dar essa contribuição ao planeta Terra, construindo essa parceria.

Aliás, eu quero salientar, Serra, que a Toyota certamente poderá inovar outra vez na produção de carros no mundo introduzindo produtos, que hoje são utilizados do petróleo, do etanol. Isso pode ser uma revolução e nós logo, logo, poderemos começar a ter carros verdes no mundo, em que todo material plástico que tem o carro hoje não será mais de subproduto do petróleo mas, possivelmente, de subproduto do etanol.

Uma outra coisa que eu considero muito importante é que nós introduzimos no Brasil, numa disputa muito séria, o modelo da TV digital japonesa. Durante vários meses o sistema europeu esteve no Brasil, foram dezenas de reuniões. Depois o sistema de TV digital americano, também fizeram dezenas de reuniões. Depois os japoneses estiveram aqui, nós estivemos no Japão e, no final, nós aceitamos a introdução de um sistema digital de televisão no Brasil, que ficou conhecido como sistema nipo-brasileiro de TV digital. Eu estou convencido, por tudo que temos discutido, que o Brasil terá, junto com o Japão, um modelo de TV digital mais importante, de melhor qualidade, de todos os modelos existentes no mundo. Agora, o que é preciso é dar seqüência às conversas que tivemos no Japão, para que a gente possa trazer para cá indústrias que produzam outros componentes, para que a gente possa disputar esse mercado internacional no Sul do mundo e, sobretudo, na América Latina.

Eu penso que estamos retomando essa relação com o Japão de forma



sólida. Nos últimos dois anos, certamente, o governador Serra viveu o mesmo clima, acho que há mais de 20 anos não vinha a quantidade de empresários japoneses que vieram ao Brasil nos últimos dois anos. Toda semana tem uma delegação de empresários japoneses no Brasil, ora para visitar São Paulo, ora para visitar Goiás, ora para visitar Mato Grosso, mas a verdade é que estamos criando um clima muito positivo e muito produtivo nessa relação entre Japão e Brasil. Eu digo sempre que se os japoneses, em 1908, descobriram o Brasil; se brasileiros pobres, à procura de emprego, descobriram o Japão; se os empresários, na década de 60, descobriram o Brasil, eu penso que está na hora de estreitarmos a nossa relação de forma mais sólida, construirmos parcerias, construirmos associações entre empresas, porque o povo japonês e o povo brasileiro estão a nos dizer que a distância que existe entre o território japonês e o brasileiro não é motivo para que não haja uma relação mais primorosa entre os dois países. É por isso que esses 50 anos da Toyota são importantes e é por isso que eu fiz questão de estar aqui.

Tenho uma vida junto à Toyota, em São Bernardo do Campo, porque fui presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Fui a primeira vez ao Japão, em 1975, a convite dos trabalhadores da Toyota. Meu primeiro emprego no Brasil, como tintureiro, foi na casa de um casal japonês. Portanto, só falta... não vou dizer que meus pais são japoneses, porque eles são pernambucanos, e não ficaria bem. Mas quero dizer que é um orgulho, um profundo orgulho, saber que a Toyota completa 50 anos no Brasil, não como uma empresa decadente, mas como uma empresa que cresce, que acredita, que investe. E no ano em que ela completa 50 anos, ela bateu o recorde de vendas no Brasil, vendendo 72 mil e trezentos e poucos carros produzidos no Brasil. Eu poderia dizer ao presidente da Toyota que, se vendeu 72 mil unidades em 2007, certamente vai vender um pouco mais em 2008, certamente venderá um pouco mais em 2009 e, certamente, venderá um pouco mais em 2010. E podem preparar os investimentos, porque a Toyota vai ter que fazer muito investimento para



atender a demanda neste País. Afinal de contas, o povo brasileiro, na medida em que a indústria automobilística compreendeu que era preciso aumentar a quantidade de prestações para que coubessem no bolso dos brasileiros de classe média mais baixa, nós estamos batendo recorde de venda de carros no Brasil. A nossa capacidade é de três milhões e meio de carros. Nós temos uma previsão de, este ano, chegar a três milhões e duzentos e quarenta. Portanto, se quiserem crescer mais, todas as empresas terão que fazer investimentos ou todas as empresas terão que fazer um terceiro turno, para que a gente consiga atender a demanda.

O crédito, no ano passado, foi de 34% do PIB. O Serra, que é economista, e a Yeda, sabem que há muito tempo a gente não tinha a primazia de ver o crédito fluir com facilidade neste País. Portanto, eu acho que o campo está preparado para o País crescer, para a renda do trabalhador crescer, para o número de empregos crescer e para a Toyota, cada vez mais, vender carros aqui no Brasil e exportar, porque nós temos um vasto mercado a ser descoberto, que é toda a América Latina e toda a África.

Portanto, eu vim aqui e quero parabenizar a Toyota pelos 50 anos. E quero dizer ao presidente do Conselho da Toyota: Toyôda meiô kaityô: burajiru ê yookosô (presidente honorário Toyoda: seja bem-vindo ao Brasil). Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração das novas instalações da Agência Central dos
Correios de São Paulo**

São Paulo-SP, 30 de janeiro de 2008

Meu caro governador do estado de São Paulo, José Serra,
Meu caro ministro das Comunicações, Hélio Costa,
Meu caro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,
Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio
Exterior,

Meu caro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação
Social,

Senhores senadores Eduardo Suplicy e Romeu Tuma,
Senhores deputados federais Carlos Zarattini, Ricardo Izar e Vicentinho,
Meu caro prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab,
Senhor Carlos Henrique Almeida Custódio, presidente da Empresa
Brasileira de Correios e Telégrafos,

Meu caro Marcos Antônio Vieira da Silva, diretor regional dos Correios
de São Paulo Metropolitana,

Meu caro prefeito de Osasco,
Trabalhadores dos Correios,
Carteiros e funcionários,
Companheiros da imprensa,

Hoje, se vocês repararem bem, deveria ser um dia em que pelo menos
os administradores do País devem estar mais otimistas. Um grande jornal de
São Paulo, hoje, publica uma manchete de que caiu a criminalidade no País e
em São Paulo. E, aí, começa a indagação do motivo por que caiu a



criminalidade. Eu não sei se um ser humano só seria capaz de dizer as razões pelas quais caiu a criminalidade.

Mas de uma coisa eu tenho certeza: se nós passamos quase 30 anos vendo a economia brasileira definhar, com momentos de picos e de esperanças que terminavam logo em seguida, nós fomos criando uma geração de jovens que teve menos oportunidade de estudar, menos oportunidade de trabalhar e, portanto, milhões de jovens brasileiros ficavam mais vulneráveis, na medida em que não tinham perspectiva de futuro.

Vocês perceberam o discurso do presidente dos Correios. Essa era uma empresa... eu me lembro quando o ministro das Comunicações, ainda no governo Sarney, falava em privatizar os Correios, sob a alegação de que os Correios não davam lucro. E aqui foi anunciado um lucro. O governo federal se sente feliz porque pagou-se 1 bilhão e 100 milhões de Imposto de Renda; o Kassab, a Prefeitura de São Paulo não recebe ISS; o estado, acho que não recebe nada. Mas a empresa deu lucro. A empresa dando lucro, pode voltar ao seu berço de origem.

Eu era moleque, com 14 anos, morava na Vila Carioca, Kassab, e a gente não conhecia isto aqui por outro nome, que não fosse “Praça dos Correios”. Era o nome pelo qual a gente conhecia este lugar aqui. Depois, os infortúnios da economia do nosso País ou, quem sabe, um momento de mau gerenciamento, essa empresa, muitas vezes, aparecia nas manchetes dos jornais como uma empresa deficitária. E, obviamente, tudo que era deficitário pensava-se em vender, no País. É improvável que um empresário esperto fosse comprar uma empresa deficitária. Ele compraria uma empresa deficitária porque ele sabia que tinha um problema de gerenciamento, e que se melhorasse o gerenciamento, essa empresa poderia melhorar.

O que está acontecendo hoje é que nós estamos combinando a empresa de maior credibilidade, na opinião pública brasileira, com o crescimento da empresa, com a melhoria da qualidade de vida dos



trabalhadores dessa empresa. Eu me lembro da última conversa que tivemos com os carteiros, em Brasília, no final do ano passado. Parte do abono já foi cumprida, já se pagou algumas partes. Eu sei que tem um plano de cargos e salários para a gente corrigir, ainda, não apenas dos Correios, mas de muitas outras categorias. E durante esse processo nós vamos tratar de encaminhar, sem que a gente leve a empresa a ficar deficitária outra vez. Quando a empresa estiver deficitária, perde o Brasil, perde o estado de São Paulo, perde a cidade de São Paulo e, sobretudo, perdem os funcionários.

Tivemos a oportunidade de anistiar todo o pessoal que foi mandado embora na greve, ainda, (da época) do Antônio Carlos Magalhães, todos foram anistiados. Uma coisa extremamente importante, governador e prefeito, é que os Correios vindo para cá, não só ele volta à sua origem, o bom filho retorna à sua casa, mas é uma contribuição extraordinária para revitalizar o Vale do Anhangabaú. E tudo isso permite o quê? Que a gente possa ver uma manchete de diminuição da criminalidade. A vida das pessoas está melhorando, as pessoas estão tendo mais perspectiva de emprego, as pessoas estão tendo perspectiva de poder voltar a estudar.

Este ano, governador, nós vamos formar os primeiros 50 mil jovens do ProUni, jovens da periferia que tiveram acesso à universidade por conta de um programa muito especial. Eu tenho recebido cartas de pessoas de 60 anos de idade, de pessoas da periferia de todo o País, dizendo que o ProUni deu a eles a possibilidade de voltarem a acreditar no futuro. Tem um ato que eu fiz aqui, em São Paulo, na Imigrantes, naquele Centro de Convenções – o governador Alckmin estava presente. E esta semana eu recebi uma carta de um velhinho que entrou no ProUni, se formou e mandou uma carta agradecendo, perguntando se eu queria ser padrinho da formatura dele. Isso tudo contribui para que a gente tenha uma manchete dizendo: “Terminou a criminalidade”.

O que leva um jovem a fazer um ato de insanidade, a cometer um ato ilícito, a cometer uma violência? A verdade é que durante muito tempo houve



um processo de degradação da estrutura da sociedade brasileira, e isso não vai ser resolvido num curto espaço de tempo, acho que isso começou, também... não começou no meu governo, isso começou em outros governos. Acho que nós estamos fazendo a nossa parte. E acho que vai levar ainda alguns anos para que a gente possa devolver, como forma de contribuição e de melhoria de vida, o sacrifício que o nosso povo fez durante duas décadas e meia, em que desapareceram da porta das fábricas as placas de “precisa-se”, não existiam mais.

Este ano, só de carteira profissional assinada, foram criados 1 milhão, 617 mil postos de trabalho. É tudo isso o que o povo brasileiro deseja. Todo ser humano, seja ele jovem, seja ele mais idoso, quer trabalhar, quer ter um salário justo pelo seu trabalho, quer morar condignamente e viver em paz. Ninguém quer nada mais do que isso. O que as pessoas querem? Casar com um parceiro ou com uma parceira bonita, ter uma boa casa, ter um carro e ter um bom emprego. É esse o sonho, Serra, do povo pobre deste País. A maioria, eu diria que 90% do povo brasileiro pensa apenas nisso.

E quando a gente vê os Correios anunciarem lucro, quando a gente vê os Correios contratarem mais gente, quando a gente vê os Correios terem uma performance extraordinária, que eu me permito citar aqui: a empresa pública conta com 12 mil e 357 agências presentes em todos os municípios do País. As unidades dos Correios estão assim distribuídas: 5.998 unidades próprias, 1.704 unidades terceirizadas com operadores privados e 4.655 unidades terceirizadas com operadores públicos. Em 2007, os Correios inauguraram 150 novas unidades de atendimento; em 2008 estão previstas as instalações de mais 414 novas unidades. Em Santo Amaro tem uma muito grande, Kassab, que já está funcionando e que a gente não pôde inaugurar. Qualquer dia desses nós vamos lá descerrar a placa, em Santo Amaro, que é muito grande. E tudo isso significa o quê? Mais empregos, mais salário, mais distribuição de renda, mais consumo, significa mais riqueza para este País.



Eu penso que o momento que nós estamos vivendo no Brasil, e eu vi pelos discursos aqui... A gente aprende de pequeno o seguinte: “em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão”. O Sayad faz parte de uma geração de economistas que, junto com o José Serra, junto com o Luciano Coutinho, junto com outros companheiros, com o Suplicy, que também é economista... nós passamos vários anos achando que o Brasil não tinha jeito. Alguns companheiros nossos diziam: “Não tem jeito, está quebrado, acabou”.

E nós estamos vivendo o que, hoje? Estamos vivendo um momento de tamanha tranqüilidade, sem perder a responsabilidade, que até uma crise americana, que em outros tempos teria quebrado o País, nós estamos vendo os artigos em todas as revistas do mundo que, possivelmente, o Brasil seja o País que saia mais ileso dessa crise americana. E por que isso? Porque todos nós, é mérito da sociedade brasileira, é mérito dos políticos a favor e contra – porque às vezes os contra também contribuem, às vezes o discurso contra ajuda a fazer reflexão –, e resultado, sobretudo, da nossa democracia.

Eu acho, prefeito Kassab, que São Paulo ganha apenas aquilo que São Paulo merece, como a maior cidade brasileira. A cidade e o estado. Embora eu seja pernambucano, não me naturalizei paulista, eu devo tudo o que sou na vida ao estado de São Paulo, à cidade de São Paulo, porque foi aqui que eu aprendi a fazer as coisas.

Portanto, estou gratificado. Parabéns aos carteiros, parabéns aos funcionários, parabéns à direção dos Correios, parabéns ao ministro Hélio Costa e, sobretudo, parabéns ao governador e ao prefeito que ganham de volta essa obra majestosa, feita no início do século XX.

Um abraço e boa sorte para todos vocês.

(\$211A)